

so mais complicado foi o do major Zezinho, ex-funcionário do serviço secreto da PM, que, inicialmente, se negou a gravar. Mudou de idéia, mas o depoimento foi meio tenso.

E como foi colher o depoimento dos delatores?

Eles não têm essa consciência, na verdade. Para o regime eles viraram heróis, a comunidade local era conservadora. No fundo, eles têm orgulho de tudo isso.

Em Caparaó se percebe um ou outro momento de encenação...

Fui reticente no início, porque acho que sempre fica ruim. Mas os dois relatos sobre a prisão dos guerrilheiros eram tão diferentes que percebi ser um bom momento para dar uma “tensão” no filme. Resolvi, então, filmar como se um repórter documental estivesse ali. Fizemos sem luz, em condições precárias, mas com a produção de arte em cima de detalhes precisos, orientada pelo Amadeu Felipe, o líder da guerrilha.

E a foto do cartaz de Caparaó, qual a história dela?

Essa foto está no arquivo de *O Estado de S. Paulo*, no acervo do jornal *Última Hora*, que cobriu muito bem o evento na época. Ela tem o valor simbólico de ter salvo a vida dos guerrilheiros. Acredita-se que, graças à divulgação dessa foto e dos RGs dos prisioneiros, por iniciativa do coronel Amaral, da PM mineira, o exército decidiu não matar os revolucionários, apesar de ter assassinado um deles – curiosamente, o único civil.

Por Alfredo Luiz Suppia

ARTE CONTEMPORÂNEA

PARCERIA DA FAPESP COM O MUSEU DE HOUSTON

O inventário da arte brasileira do século XX começa a ser feito por uma equipe multidisciplinar coordenada pela historiadora de arte Ana Maria Beluzzo. A pesquisadora é a responsável pelo convênio assinado, em maio último, entre o The Museum of Fine Arts de Houston (MFAH), dos Estados Unidos, e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Trata-se de uma cooperação para o desenvolvimento do projeto “Arte no Brasil: textos críticos do século XX”. O valor do investimento é de R\$ 1,3 milhão nos primeiros dois anos de vigência do acordo. Desse total, a Fapesp participa com cerca de R\$ 405,5 mil e o MFAH com R\$ 891,7 mil. O trabalho – de largo espectro e iniciado em 2003, com outros seis países latino-americanos: Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela – integra o “Documentos do século XX – arte latino-americana e latino-norteamericana”, criado pelo International Center of the Arts of the Américas (ICAA), do museu norte-americano, sob orientação da crítica e curadora, Mari Carmen Ramirez. Foram feitos convênios locais com o museu norte-americano, para que cada país desenvolva seu próprio projeto. Pela

primeira vez, será feito o registro da arte produzida pela população de origem latina que vive nos EUA. O resultado formará bancos de dados digitais, reunidos em um portal internacional contendo toda a crítica à arte contemporânea do continente. O trabalho da equipe brasileira consiste em fazer a pesquisa e a análise de textos, manifestos, depoimentos e cartas pouco conhecidos, produzidos por artistas, críticos e historiadores da arte desde as primeiras décadas do século passado, chegando até os anos 1980. Além do acervo digital, uma série de atividades estão previstas no convênio, como palestras, seminários, exposições e publicações impressas.

ACERVO TRILINGUE Ana Maria destaca que o arquivo será em três línguas – português, espanhol e inglês – e que o desafio é adequar os termos de cada um dos países envolvidos a um vocabulário internacional. Ela acrescenta que as metodologias são diferenciadas em cada país envolvido, mas o acervo deverá reunir, pela primeira vez, toda a história artística da região assim como ajustar as terminologias adotadas: “só como exemplo, a palavra modernismo tem conceitos diferentes em cada um dos idiomas”. Foram pré-selecionados cerca de 200 documentos considerados fundamentais para uma reflexão aprofundada da área. O projeto prevê, ainda, a edição de coletâneas, com textos originalmente publicados em títulos já esgotados, revistas, catálogos de exposição e escritos inéditos.

Wanda Jorge